

PARA SEMPRE CANTAR: AS INTERFACES ENTRE NEUROLOGIA, MÚSICA E HISTÓRIA.

Doris Rejane Fernandes –FACCAT

dorisrejane@gmail.com.br

Como ensinar e como aprender é um dos objetos de estudo no presente. Muitos recursos à disposição dos alunos podem e devem ser aliados na escola no processo de ensino-aprendizagem. Esse é um tema necessário pois vivemos momentos de transformações, onde o desafio é aproximar o ensino/escola com sentido dos alunos. Pode parecer uma introdução clichê. Mas foi pensando em me aproximar dos alunos que vivenciei as primeiras experiências com música, canto e clips musicais nas aulas de história. E o resultado foi muito satisfatório tanto em relacionamento e empatia quanto em aprendizagem e interesse. Esse foi o motivo de estudos e posterior exercício reflexivo sobre a relação entre neurologia, música e história. Aprendizagem envolve o funcionamento do cérebro. A música é uma forma de tempo e espaço vivenciada que permite a compreensão da história. Na história, a música é uma das fontes primárias de pesquisa. Como a música pode ser utilizada para o desenvolvimento mental e para compreensão e estudo em História é o objeto desse artigo.

Inicialmente apresento considerações sobre a neurologia da aprendizagem e sua relação com a música e a história. Na sequência, estabeleço relação entre música e história. E para concluir, seguem pequenos relatos em história envolvendo canto e música.

CÉREBRO, MÚSICA E HISTÓRIA

A evolução mental do indivíduo no que concerne à aprendizagem passa pela fase da concreto. Jean Piaget é o expoente clássico nessa questão. Porém, com a tecnologia presente em nossos dias, facilitando a compreensão e a conquista do conhecimento, leva a aparente não necessidade da vivência das questões concretas. No entanto, o dia-a-dia da sala de aula revela muitas dificuldades decorrentes da falta de trabalho prático que permite a compreensão do conteúdo selecionado.

A música geralmente é utilizada como fonte primária, mas seu emprego tem uma abrangência maior do que a estimada com envolvimento interdisciplinar. Sekeff (2007, p. 10) aponta para o potencial da alquimia sonora pelo aporte à formação como temas secretos e declarados da música: *como ponte entre a realidade aparente e inconsciente,*

com função de espelho mágico integrando as dimensões internas e externas do ser... Essa ligação que até então, pouco se tem mencionado, confere a música o elo formador e realizador da compreensão e aprendizagem. A música é uma linguagem que favorece o bem-estar do educando e o desenvolvimento de sua equação pessoal. É acrescento a aprendizagem e a reflexão. É a junção entre o emocional e o cognitivo no processo de pensamento. Além dessas abordagens, a música é uma atividade motora completando um quadro de diferentes necessidades do indivíduo. É de Sekeff (2007, p.18) que reproduzo o conceito de música como “...um recurso que faculta a expressão do “eu” mediante simbolismos aparentemente inocentes (duração, altura, intensidade, timbre, densidade, notas, pausas, escalas, sistemas, categorias, funções, relações).” Ora esse recurso permite a compreensão da história em sua base, utilizando-se não só da sonoridade, da linguagem e mensagem como também do alicerce mental fornecido pela melodia/ritmo. A mesma autora continua:

As considerações resultantes destas reflexões acabam por conduzir aos jogos do *simbólico* e do *imaginário*. Do *simbólico*, uma vez que signos sonoros possibilitam pensar espaços ausentes, retomar tempos passados e planejar o futuro. Do *simbólico* ainda, tendo em conta que a consciência humano-reflexiva se processa por sentidos e *símbolos* – incluindo os musicais – que se enraízam em nossa vida, nos sentimentos que temos das coisas e de nós mesmos.” (SEKEFF, 2007, p. 18-19).

A música nessa abordagem tangencia diretamente com a história pois esta é entendida aqui como a ciência que estuda o passado para compreender o presente e possibilitar a construção de um projeto social e o planejamento de sua realização. (FONTANA, 1998). Não só em termos de conceito, mas a música é uma das formas de concretização e vivência dos estágios mentais e das operações concretas necessárias à história. O desenvolvimento de habilidades e competências é resultado da vivência das operações concretas que envolvem conceitos espaciais e temporais para o caso específico da história. É também o tangenciamento entre a música e a história, pois esta é uma das formas de vivência concreta do conceito de tempo.

Para Sekeff, a música permite o desenvolvimento da emoção intelectualizada, pois quem capta a música é a inteligência. O ouvinte ao desfrutar da música e do canto é estimulado e instigado a inúmeros modos de apreensão de seus sentidos o que beneficia a aprendizagem (SEKEFF, 2007, p. 63).

O desvelamento do modo de construção da obra musical, o *(re)conhecimento* do seu código, a percepção de como ela *diz o que diz* ensinam ao receptor a descoberta de novas relações, novos sentidos, novas formas de compreender e vivenciar o prazer da *emoção-estética...* (SEKEFF, 2007, p. 63)

Ao unir música e história o trabalho mental une informações que facilitam a compreensão e a apreensão de conhecimentos. Pois as informações fornecidas pela história associadas a percepção dos significados e emoções resultantes da audição ou do canto ou da visualização facilitam a compreensão e a identificação dos sentidos da obra musical e da sua relação com a realidade estudada.

Essa ação é mental. O cérebro processa essas informações e gera não só sentimentos, mas conhecimento e percepções. Quanto mais significativa a vivência mais armazenamento de informações gera. Damásio (1996, p.116) explica

...o fato de um dado organismo possuir uma mente significa que ele forma representações neurais que se podem tornar imagens manipuláveis num processo chamado pensamento, o qual acaba por influenciar o comportamento em virtude do auxílio que confere em termos de previsão de futuro, de planejamento desse de acordo com essa previsão e da escolha da próxima ação. Reside aqui o centro da neurobiologia, tal como a concebo: o processo por meio do qual as representações neurais, que são modificações biológicas criadas por aprendizagem num circuito de neurônios, se transformam em imagens nas nossas mentes; os processos que permitem que modificações microestruturais invisíveis nos circuitos de neurônios (em corpos celulares, dendritos e axônios, e sinapses) se tornem uma representação neural, a qual por sua vez se transforma numa imagem que cada um de nós experencia como sendo sua.

O que Damásio nos informa é sobre o funcionamento do cérebro. Nele não ocorre apenas a compreensão do dito, vivido, visto e sentido. Há um hardware neural que possibilita a execução dessas etapas e do seu armazenamento. O armazenamento não se realiza em apenas um lugar ou ponto do cérebro. O cérebro divide essas informações em vários lugares ou compartimentos e que poderão ser acionados de acordo com o pensamento, lembrança, visibilidade, audição acionarem ou estabelecerem relações. Entre as múltiplas formas de apresentação, de comunicação e reflexão que ocorrem no cérebro, Ramachandran (2014, p.206) apresenta

A LINGUAGEM HUMANA PARECE (sic) tão complexa, multidimensional e ricamente evocativa que somos tentados a pensar que quase todo o cérebro deve estar envolvido, ou pelo menos grandes pedaços dele. Afinal, mesmo a pronúncia de uma única palavra como “rosa” evoca toda uma miríade de associações e emoções... (...) Sem dúvida a palavra é apenas a maçaneta, ou o foco, em torno da qual gira um halo de associações, significados e lembranças.

O cérebro, nossa máquina mental, tem a capacidade de armazenar informações, experiências, sentimentos que através de um evocativo aciona a área em que estão

guardadas o acervo vivencial. A especialização do cérebro e a dinâmica de acionamento tem sido motivo de muitos estudos diante das limitações apresentadas por infindáveis pessoas e que se transformaram em desafios para a ciência. No entanto, a linguagem é uma das formas de aquisição, armazenamento e acionamento do cérebro.

Damásio informa que todas as informações que entram em contato conosco se transformam em imagens cerebrais e que geram tomadas de decisão. Há um panorama mental com todas as informações e possibilidades possíveis, isto é, diante de uma decisão há uma ampla e variada apresentação dos conhecimentos sobre a situação que está sendo gerada.

As imagens correspondentes a uma infinidade de opções de ação e possíveis resultados, também infinitos, são ativadas e constantemente trazidas para o centro da atenção. Também o componente linguístico dessas entidades e cenas, as palavras e as frases que relatam o que nossa mente vê e ouve, se encontra presente, competindo pelo centro das atenções. Esse processo baseia-se numa criação contínua de entidades e acontecimentos, do qual resulta uma justaposição muito variada de imagens consentâneas com o conhecimento previamente categorizado. (DAMÁSIO, 1996, p.229).

Essa categorização que o cérebro realiza ordena opções e resultados de acordo com determinado valor específico resultante de experiências, vivências e aprendizagens. Há um vasto depósito de conhecimentos fatuais em relação às situações com que podemos nos defrontar. Diante do exposto, a variedade e quantidade de experiências, vivências, conhecimentos formam uma ampla e diversa gama de alternativas para no caso do processo de ensino-aprendizagem serem utilizados para tomada de decisões.

A linguagem, característica peculiar do ser humano, apresenta uma gama de variedades, entre elas, as palavras, a música, as imagens, constantes nos compartimentos mentais. Em história, a linguagem é requisito básico de comunicação, fonte, informação, dados que envolvidos numa gama imensa compõem o acervo mental.

O ser humano raciocina para tomar decisões. Para que esse processo se realize há uma série de estratégias que o indivíduo utiliza para chegar a opção adequada. Aqui necessitamos lembrar de que o ser humano emprega uma variedade de opções para raciocinar e tomar decisões. Na sala de aula ocorre o mesmo: cada aluno é uma individualidade, o que justifica a necessidade de variações no processo ensino-aprendizagem.

Em história, há muitas maneiras de tratar com fontes históricas, primárias ou não. Há pesquisas marxistas, econômicas, positivistas, políticas, sociais, cotidianas, sentimentais e antropológicas, de gênero, temáticas, micro-história e todas refletindo o

tratamento dado às fontes. Com jovens que estão na fase operacional concreta e formal, o trabalho pedagógico com as fontes e a diversidade de enfoques são necessários para a realização da aprendizagem. A música tem sido vista nas últimas décadas como recurso para enriquecimento das aulas, como recurso motivacional. Como vimos até aqui o motivo do uso de música em aulas de história não se limita a esses motivos.

História e música se relacionam a partir do requisito fonte histórica, para depois ser um recurso pedagógico. No entanto, o emprego de músicas, cantos e clips vai muito além do até agora pensado. O trabalho mental, onde o pensar, o decidir e o externar tem tratamento são elaborados pela história e pela música. Quando a relação história e música recebe tratamento de fonte histórica estamos lidando com metodologia; quando cantamos, ouvimos música, ou assistimos a um clip estamos abarcando outras experiências sensoriais e cognitivas. O aluno não só é trabalhado com conhecimento empírico ou metodologia histórica que permite o decifrar relações, pensamentos, ações do passado e a partir de então, elaborar um arcabouço mental de alternativas para pensar o futuro, fazer seu planejamento. Com esse recurso que representa a música são trabalhadas áreas variadas do cérebro que podem ser acionadas para tomada de decisão a partir de reflexões. Popularmente diríamos, que ao cantar ou ouvir música estamos trabalhando nossa máquina mental como a cuidar do motor do automóvel que nos transporta. Ao relacioná-la com a disciplina escolar estamos lidando com o conforto que o veículo nos proporciona ao levar para vários lugares e olhar a paisagem pela qual passamos, resultando sensações e conhecimentos.

A música trabalha habilidades concernentes à noção de tempo e espaço. História é tempo compreendido num espaço. O próprio tempo é um espaço musical. Em História o conceito tempo não se limita a percepção de um passado, mas as instâncias da simultaneidade, do próximo/distante, do contemporâneo, do ritmo. Nesta proposta o uso da música recupera lacunas da formação do conceito temporal constatados nos alunos em diferentes etapas do ensino, permitindo a compreensão diferenciada dos temas históricos embasados nos conceitos de Jean Piaget. A música não se limita a formação de habilidades básicas. Ela aciona esquemas mentais que habilitam cada vez mais o cérebro a reflexões mais complexas. Em sala de aula colaboram para manutenção da atenção, gerando concentração nas atividades. Como os alunos adolescentes gostam de músicas, as mesmas são uma das formas de trabalhar em história.

UM RELATO PESSOAL

Para ilustrar essa reflexão acima exposta, apresento um relato pessoal de trabalho com música em aulas de história. Usamos a música em sala para audição na maioria dos casos; em outros momentos para ilustrar o tema a ser estudado ou então, excepcionalmente, para cantar. Os alunos consideram em grande parte como perda de tempo por parte do professor ou atividade para não ter que explicar ou responder nada. Essas observações são resultantes das observações em sala de aula no ensino fundamental e médio e das experiências colocadas em prática. O motivo para o uso da música em aula foi exatamente a dificuldade de fazer com que os alunos se voltassem para a aula, seja ela no primeiro período da manhã ou na aula das 14 horas quando o calor ou o assunto deixavam os alunos ficarem desatentos. No entanto, a conclusão e as constatações foram bem outras. O uso da música foi sugestão da filha, musicoterapeuta, diante da tristeza que externei ao não conseguir envolver os alunos nas aulas de História e Geografia.

Depois da sugestão julgada pertinente era necessário ter a coragem para cantar sozinha em meio a quarenta alunos. Confesso que ao me decidir fui de casa à escola cantando baixinho, não para aquecimento vocal, mas para ter a coragem de fazê-lo. No início, o espanto foi grande. Acredito que os mesmos devem ter pensado que a professora havia enlouquecido. Entrei na sala e coloquei meus materiais na mesa. Olhei para os alunos e esses conversavam tanto que nem perceberam a minha chegada, com exceção dos sentados na primeira fila de classes. Foi nesse momento que iniciei a cantar, caminhando pelos corredores. Ao perceberem a voz a cantar começaram a silenciar. Iniciava-se um novo período com uma relação satisfatória e diferente entre professora e alunos e vice versa. A relação professor/aluno se modificou e gerou elos até hoje vivos.

EXEMPLO

A música é um documento, uma fonte histórica prevista na didática da história de Jörn Rüsen. Mas é também uma linguagem como Maria de Lourdes Sekeff e António Damásio nos apresentam. No processo ensino-aprendizagem além da cooperação entre ambas, a interdisciplinaridade se realizam.

Para ilustrar e transformar o que aqui já temos exposto vamos a prática. O primeiro exemplo é uma curiosidade que atrai jovens e aciona o gosto pela aula. A banda inglesa Franz Ferdinand ao se denominar desta forma homenageia ao príncipe Francisco Ferdinando, que assassinado desencadeou a guerra mundial. Ao assistir um clip da banda tecem comentários e justificativas sobre o motivo da homenagem. Sem contar que os

alunos vão em busca de informações sem necessitar de referências ou pedidos. Estuda-se a Primeira Guerra Mundial com interesse.

A banda inglesa Cold Play gravou um clip com a música Vive La Vida, inspirada nas Cruzadas. A produção do mesmo ao lado da imagem e da mensagem apresenta elementos característicos do período medieval e ao serem observados geram conhecimento e aplicação do conteúdo histórico.

Garota de Ipanema e Brasileirinho são as músicas brasileiras mais conhecidas no mundo: ao cantá-las em aula não só trabalhamos com símbolos nacionais como exercitamos mentalmente as noções de tempo e espaço, de duração e ritmo; ao inseri-la no contexto histórico caracterizamos fases diferentes do Brasil.

Outro exemplo: a música do Brasil rural é a caipira; a música sertaneja já é a transformação da música rural no ambiente urbano acelerada a partir do governo Collor. Cada música ou canto permite que o aluno se insira num período e comece a imaginar e interpretar como era viver aquele momento. O canto a capela e em vários coros permite o trabalho com conceitos de simultaneidade, duração sequência e ritmo. Essa vivência contribui para a compreensão das dimensões da história e da vida. A observação dos instrumentos, de sequências tonais e da compreensão das mesmas podem desencadear a compreensão das diferenças e das diversidade, envolvendo o aluno como ser atuante.

Utilizar a música na aula de história é uma forma de introduzir temáticas como o período varguista, juscelinista ou da ditadura militar bem como da história da guerra do Vietnã ou do Golfo. Através delas podemos estudar formas de expressão, de contestação e de resistência, inserindo o conteúdo planejado. Junto a isso o cérebro se modela, se complementa, se articula e se complexifica, gerando raciocínios mais elevados e amplos.

A banda irlandesa U2 retrata em suas música posicionamentos políticos em relação a realidade da Irlanda como pela necessidade do respeito à diversidade religiosa, onde pode ser apresentado o clip com uma música como através das aulas de inglês fazer a tradução e na de português observar as várias formas de expressão escrita (letra musical); como em artes a produção do visual e os símbolos e recursos empregados relacionados com a simbologia.

Tecendo considerações para encerramento dessa rápida apresentação, reforço a importância da música nas aulas de história ou da história com música pois a mesma é um exercício amplo, dinâmico e que prepara o indivíduo para a tomada de decisões e ao exercício completo sobre sua própria vida. A partir da decisão se projeta o futuro e se planeja a sua realização

REFERÊNCIAS

DAMÁSIO, Antônio R. **O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LEVITIN, Daniel. **Uma paixão humana: o seu cérebro e a música**. Lisboa: editorial Bizâncio, 2007.

RAMACHANDRAN, V. S. **O que o cérebro tem para contar: desvendando os mistérios da natureza humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ROTTA, Newra Tellechea; BRIDI FILHO, César Augusto; BRIDI, Fabiane Romano de Souza (orgs.). **Neurologia e aprendizagem: abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música: seus usos e recursos**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 2007.